



A VARIAÇÃO NÓS E A GENTE EM FORTALEZA NA SEGUNDA DÉCADA DOS ANOS 2000: FATORES LINGUÍSTICOS

VARIATION OF THE SUBJECTIVE PRONOUNS NÓS AND A GENTE IN THE SECOND DECADE OF THE 2000: LINGUISTIC FACTORS

Maylle Lima Freitas¹

Lorena da Silva Rodrigues²

Hugo Leonardo Gomes dos Santos³

RESUMO

Esta pesquisa se atém ao estudo da variação dos pronomes sujeito *nós* e *a gente* por falantes de Fortaleza-CE com ensino superior na segunda década dos anos 2000. O estudo baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria de Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]), em vias de analisar o encaixamento da forma inovadora *a gente* no sistema linguístico na comunidade de fala de Fortaleza-CE e a provável mudança linguística em progresso. Partiu-se da análise de 18 entrevistas do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) - fase II, na modalidade de registro DID (Diálogo Informante e Documentador). Dos fatores linguísticos, analisou-se o tempo e tipo de paradigma do verbo, a referencialidade do verbo (genérica ou específica) e o tipo de verbo. Utilizou-se o *software* RStudio para o tratamento dos dados, elaboração dos testes estatísticos e criação de modelos de regressão logística para análise dos dados linguísticos. Constatou-se a predominância da forma *a gente* com 82,22% (N = 985) dos dados. A forma *a gente* mostrou-se favorecida pela referência genérica, tempo verbal presente de forma idêntica ao pretérito perfeito do indicativo e pretérito imperfeito. A forma *nós* parece resistir no tempo verbal pretérito perfeito idêntico ao presente (ontem comemos/ hoje comemos) e referente mais específico. O tipo de verbo não se mostrou um fator condicionador a variação linguística nos modelos de regressão logística, ainda que tenha sido observado uma menor força da forma *a gente* com verbos de estado. Por fim, percebemos que a forma *a gente* está altamente implementada no sistema linguístico, em um provável processo de mudança em curso, enquanto a forma *nós* parece ainda resistir como maneira de evitar ambiguidade semântico temporal em caso de formas idênticas no presente e pretérito perfeito do indicativo e enfatizar a referência específica do verbo.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria de Variação e Mudança; Variação nós e a gente; Comunidade de fala de Fortaleza-CE; Descrição do Português Brasileiro.

1 Mestranda em Linguística, Universidade Federal do Ceará (Programa de Pós-Graduação em Linguística). E-mail: mayllemalimafreitas@gmail.com.

2 Doutora em Linguística, Universidade Federal do Ceará (Programa de Pós-Graduação em Linguística). E-mail: lorena.rodrigues@letras.ufc.br.

3 Doutorando em Linguística, Universidade Federal do Ceará (Programa de Pós-graduação em Linguística). E-mail: lprof.hugoleo13@gmail.com.

ABSTRACT

This research aims to analyze the subject pronouns *nós* e *a gente* by Fortaleza graduate speakers in the second decade of 2000. The study is based on the Variation and Change theory (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) aiming to investigate the fitting on Fortaleza's speech community linguistic system of the innovate variant *a gente* and a probable linguistic change in progress. The database was 18 interviews from the project Graduate's Oral Portuguese of Fortaleza - phase II (PORCUFORT), on an interviewer and informant register. From linguistic factors, were analyzed: verbal tense and paradigm, verb 's reference (generic or specific) and verb type. Data treatment, statistical analyses and logistic regression models were conducted on Rstudio software. The innovative form *a gente* is predominant on our data, representing 82.22% (N = 985) of the sample, present tense, regarding the ambiguous forms, identical to past perfect tense form, imperfect and generic reference has favored this variant. The conservative form *nós* seems to rely on past perfect verbal tense and specific reference. Verb type was not a relevant factor on logistic regression models, however it was observed a minor presence of *a gente* variant with *to be* verb type. In conclusion, it was noticed that the innovative variant *a gente* is implemented on Fortaleza's linguistic system, on a potential linguistic change in progress, meanwhile the variant *nós* seems to emphasize the specific referent and resist as a resource to avoid semantic-temporal ambiguity due to Portuguese's identical present and past perfect verbal forms.

KEYWORDS: Linguistic Variation and Change; *Nós* and *A gente* variation; Fortaleza's speech community; Brazilian Portuguese studies.

Introdução

A Teoria de Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) tem como pressuposto coexistência de formas linguísticas de mesmo significado referencial. A expressão variável de primeira pessoa do plural, a variação das formas pronominais *nós* e *a gente*, é um fenômeno amplamente estudado no Português Brasileiro (PB). Considerando investigações de cunho variacionista, existem pesquisas com dados de fala do Projeto Norma Linguística Urbana Culta (NURC), desde a década de 1970, que indicam a implementação e a alta frequência de uso da forma inovadora *a gente* em diversas variedades do PB (ZILLES, 2007). Este estudo tem como objetivo investigar o fenômeno em tela na fala de pessoas com Ensino Superior, nativas e residentes de Fortaleza, capital do estado do Ceará, na segunda década dos anos 2000, a partir de dados de fala oriundos do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza - Porcufort (Fase II), em vias de contribuir com a descrição dessa variação e expansão do mapa de estudos sociolinguísticos do fenômeno.

Consideramos uma variável linguística morfossintática binária, composta da forma *nós* acompanhada de verbo com desinência de primeira pessoa do plural *-mos* (1) e a forma *a gente* com concordância singular, desinência zero (2), na função de sujeito da oração.

(1) teve um dia que **nós** fomos pra Lençóis:... é LONge... **nós** fomos pra Lençóis:... é LONge... **nós** saímo de lá dez horas, aí **nós** fomos logo atrás das pousada. (INQ.24).

(2) eu acho que é/ as vezes **a gente** se acomoda de ficar dentro né com a família... mas vezes **a gente** enjoa DEmais ta só a com a cara do outro né? mas **a gente precisa**... (INQ. 13).

Para esta análise, nos ateremos nas variáveis linguísticas: tempo e tipo de paradigma do verbo, tipo de verbo, referência do verbo (genérica ou específica) em entrevista sociolinguística de registro Diálogo Informante e Documentador (DID).

O tratamento estatístico dos dados foi realizado por meio da linguagem de programação R, por meio do *software* RStudio - R Core Team (2021), para análise descritiva, frequências e proporções, como também para análise de estatística inferencial, por meio de testes estatísticos de qui-quadrado e modelos de regressão logística, buscando confiabilidade dos resultados como projeção de uso da comunidade estudada.

Este artigo está estruturado da seguinte maneira: no tópico “As formas *nós e a gente*: um panorama da variação”, apresentaremos o fenômeno estudado e o estado da arte. Nos pressupostos teóricos “Teoria da variação e Mudança” nos atemos a teoria de base dos estudos variacionistas, na seção seguinte nos debruçamos sobre a metodologia, seguida pela análise dos resultados, e, por fim, as considerações finais, nossa síntese e reflexões sobre a investigação, encerramos com as referências dos estudos.

As formas *nós e a gente*: um panorama da variação

A forma *a gente*, apesar de ser a forma inovadora de primeira pessoa de plural, já se encontra implementada no sistema linguístico do Português Brasileiro há séculos, existindo registros da forma na escrita desde o século XIII (LOPES, 2007). Pressupõe-se que, devido a um processo de gramaticalização, o artigo “a” combinado ao substantivo “gente”, devido ao traço semântico de coletividade da expressão, relaciona-se a noção de “eu-ampliado” e passou a exprimir o valor de primeira pessoa do plural e coocorrer com o pronome previamente no sistema linguístico do Português Brasileiro, o *nós*, ainda que tenha mantido sua marca verbal de terceira pessoa do singular na concordância verbal.

Existem diversos estudos que contemplam essa variação em diversas comunidades de fala por todo o Brasil, a exemplo de Omena (1996, 2003), Zilles (2007), Maia (2009), Vianna e Lopes (2015), Freitag (2016), Scherre, Yacovenco e Naro (2018a, 2018b), para expor apenas algumas investigações que estudamos acerca do fenômeno. Sendo a forma predominante em grande parte das comunidades de fala estudadas, com destaque a Zilles (2007) que indica a predominância de mais de 80% da forma *a gente* em dados do projeto NURC. Percebe-se, como tendência geral do PB, a tendência à realização das formas pronominais seguidas dos verbos com concordância padrão, sendo a forma *nós* sem *-mos* (*nós estava*) restrita a comunidades de fala e/ou grupos sociais específicos. A forma *a gente* com *-mos* é rara, existindo possivelmente devido a casos de hipercorreção gramatical, sendo normalmente desconsiderada de estudos devido a sua baixíssima aparição em *corpora*.

Tratando-se da variedade de Fortaleza-CE, existem os estudos de Araújo (2018), com dados de falantes escolarizados até o ensino médio na década de 2000 - *corpus* NORPOFOR;

Silva (2020), com dados de falantes até ensino médio na década de 1980 - *corpus* DSC; Carvalho, Freitas e Favacho (2020), com dados de falantes com ensino superior na década de 1990 - *corpus* Porcufort e Freitas, Rodrigues e Santos (2021), com dados em tempo real com dados de falantes com ensino superior nas décadas de 1990 e 2010 - *corpus* Porcufort fases I e II. Sendo a variação da comunidade predominantemente dicotômica entre as formas pronominais com concordância padrão, a exceção de idiosincrasias. Percebemos em Fortaleza-CE um avanço mais lento da forma *a gente*, em comparação a outras capitais no mesmo período de tempo, em que Carvalho, Freitas e Favacho (2020) apontam um total de 62% da variante.

Atesta-se no Português Brasileiro uma tendência de uso a favor da forma inovadora *a gente* em diversos estratos sociais. Zilles (2007), Freitag (2016), Freitas e Carvalho (2020) e Freitas, Favacho e Carvalho (2022), indicam em seus estudos que a forma inovadora *a gente* não parece sofrer estigma, um fator positivo para sua expansão e que favorecia os possíveis processos de mudança em curso atestados em estudos aqui citados. Ainda que ambas as formas coexistam, devemos considerar fatores condicionantes ao uso das formas variantes, a exemplos de fatores sociais como sexo, escolaridade, faixa etária, e fatores linguísticos como a referência do verbo, saliência fônica, tempo e tipo de paradigma *etc.*

Tempo e tipo de paradigma do verbo

O tempo e paradigma do verbo é uma variável linguística que tem alçado grande importância nos estudos da variação *nós* e *a gente* no português Brasileiro, sendo o grupo criado de acordo com Scherre, Yacovenco e Naro (2018a), baseados em considerações de Naro, Görski e Fernandes (1999) sobre saliência fônica. A primeira questão de interesse é que, considerando a desinência canônica de primeira pessoa do plural (-*mos*), verbos regulares apresentam a tendência de apresentar formas idênticas no pretérito perfeito e no presente do indicativo, por exemplo: *nós passeamos com o cachorro hoje/ nós passeamos com o cachorro ontem*. Com isso, estudos variacionistas atestam a tendência do uso da forma *a gente*, com desinência de terceira pessoa do singular, como maneira de evitar ambiguidades semântico-temporais (*a gente passeia com o cachorro hoje/ a gente passeou com o cachorro ontem*).

Considerando a saliência fônica, Naro, Görski e Fernandes (1999) discorrem sobre a oposição singular/plural e a diferenciação de matéria fônica como fatores importantes à variação de primeira pessoa do plural. Tendo como base a desinência padrão de primeira pessoa do plural, existem maiores ou menores diferenças de matéria fônica quando comparado a desinência de terceira pessoa do singular. Ou seja, quando comparamos a forma *comíamos/comia* temos a manutenção da sílaba tônica e, apenas, a perda da desinência -*mos*, o que configura uma baixa saliência fônica. O mesmo não acontece na oposição *somos/é*, em que existe uma completa mudança do material fônico devido a irregularidade verbal, o que configura uma alta saliência fônica. Alguns tempos verbais apresentam tendência a menor saliência fônica, como

os do indicativo, e outros a maior saliência fônica, como por exemplo o pretérito perfeito do indicativo. Com isso, obtemos 5 níveis para a variável tempo e tipo de paradigma do verbo, descritas abaixo:

1. Presente com forma igual ao pretérito: casos em que a desinência canônica de primeira pessoa do plural é idêntica no presente do indicativo e pretérito perfeito do indicativo, gerando potencial ambiguidade semântico-temporal.

(3) bem simples **nós produzimos** fios, mas pra produzir fios só algodão, poliéster... tem vários tipos de fibra (INQ. 03)

2. Pretérito perfeito igual ao presente: casos em que a desinência canônica de pretérito perfeito é idêntica ao presente do indicativo, gerando potencial ambiguidade semântico-temporal.

(4) viagem excelente, de uma vez só **nós conhecemos** cinco países né (INQ. 50)

3. Presente de forma diferente do pretérito: comum em verbos irregulares, são casos em que não existe ambiguidade entre as desinências canônicas de primeira pessoa do plural do presente ao pretérito perfeito.

(5) Ah, também **nós não temos** um parque industrial aqui (INQ. 3)

4. Pretérito perfeito diferente do presente: comum em verbos irregulares, são casos em que não há ambiguidade entre as desinências canônicas de primeira pessoa do plural do pretérito perfeito ao presente, apresentam tendência a altos níveis de saliência fônica, devido a maior diferenciação de material fônico na oposição singular/plural.

(6) Quando minha terceira irmã nasceu **nós sempre fomos** muito próximas (INQ. 7)

5. Pretérito imperfeito: casos de forma verbal proparoxítona, de tendência a baixa saliência fônica e manutenção da sílaba tônica na oposição singular/plural.

(7) eu e mais oito irmãos, **nós tínhamos** muita liberdade, certo? (INQ. 13)

Com isso, o grupo condensa nesses cinco níveis tanto o tempo verbal, quanto a existência, ou não existência, de ambiguidade, como também atesta os grupos de maior saliência fônica, sendo uma variável complexa e de grande potência explicativa à variação entre *nós* e *a gente*.

Referencialidade do verbo

A referencialidade do verbo é um grupo semântico que trata da referência genérica ou específica do pronome. A partir de Lucchesi (2009) e Carvalho, Freitas e Favacho (2020), consideramos estes dois níveis da seguinte maneira:

Referência específica: os referentes podem ser determinados de maneira explícita ou pelo contexto (8), em que podemos recuperar os sujeitos da oração. O nível também inclui casos em que o falante utiliza a forma de primeira pessoa do plural para referir-se apenas a si mesmo (9), tal como o plural de modéstia.

(8) minha relação com as **minhas irmãs** no início, quando nós éramos menores, nós brigávamos muito (INQ. 7)

(9) a gente vive o luxo... o prédio tua casa... né... é o que a gente dá valor... **eu** sou assim... (INQ. 60)

Referência genérica: trata-se da maior indeterminação do sujeito, abrange a delimitação circunscrita, que se refere a um grupo grande e indeterminado de pessoas sob o mesmo égide (10), podendo ser funcionários de uma mesma empresa ou torcedores de um mesmo time, por exemplo. Como também considera a indeterminação universal (11), em que pode-se referir a toda a humanidade, ou uma grande parcela dela.

(10) dinâmica de leitura, roda de conversa de leitura, na/no **CEJA** a gente não consegue fazer isso porque os alunos eles são muito/eles tem quase que postura acadêmica (INQ. 32)

(11) **todos** nós somos políticos... eu acho... eu penso assim... todos nós somos políticos... (porque) num sei... às vezes eu vejo **o ser humano** dessa face... (INQ. 60)

Com isso, codificamos os níveis da variável a partir das categorias definidas a partir dos estudos de base, tendo como ponto de decisão o traço semântico [+ determinado] para referência específica e o traço semântico [- determinado] para referência genérica.

Tipo de verbo

O tipo de verbo é uma variável que analisa o valor semântico do verbo, categorizado em cinco tipos: verbo ter, verbo que indica estado, verbo epistêmico (conhecimento), verbo *dicendi* (do falar/dizer), verbo que indica ação. Essa variável foi controlada com base em Araújo (2018) cuja pesquisa selecionou o tipo de verbo como fator significativo estatisticamente para o condicionamento do fenômeno. Os exemplos a seguir ilustram cada um dos tipos de verbo analisados.

Verbo ter

(12) uma coisa que me dói muito... é a gente **ter** o teatro José de Alencar e ninguém conseguir entrar no teatro... (INQ. 60).

Verbo que indica estado

(13) hoje em dia **nós somos** muito amigos... mas foi meio complicado (INQ. 37).

Verbo epistêmico

(14) se *a gente* vai **analisar** a mulher ... no Império Romano por exemplo ... ou a Mulher ... na Grécia por exemplo ... (INQ. 48).

Verbo *dicendi*

(15) - não, é rigoroso por que:...éh:... *a gente* **conversa** com o chefe (INQ. 34).

Verbo que indica ação

(16) só que eu sou ansiosa enquanto ele não chegou eu não me sosseguei, mas pronto quando ele chegou *nós* **botamos** as coisas no carro e fomos (INQ. 24).

As variáveis linguísticas apresentadas serão, nesta pesquisa, interpretadas à luz da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, cujos principais conceitos serão apresentados na seção a seguir.

Teoria de Variação e Mudança Linguística

A Teoria da variação e Mudança Linguística entende a língua como um sistema social e heterogêneo. Tal heterogeneidade é passível de ser descrita e sistematizada, a partir de estudos que buscam investigar os fatores que levam à variação linguística. Entende-se por variação “o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado.” (COELHO *et al.*, 2018, p. 16). Por exemplo, na seção anterior, foi mostrada a alternância das formas *nós* e *a gente* na codificação da segunda pessoa do plural no PB. Às duas formas pronominais em variação dá-se o nome de variantes, enquanto à função gramatical em que se localiza a variação de forma mais abstrata, chama-se de variável.

A partir dos estudos labovianos (LABOV, 1972, 1978, 1994, 2001), descarta-se a ideia de a variação ocorre de forma aleatória, uma vez que o autor mostra que forças, externas ou internas, agem sobre a língua favorecendo ou desfavorecendo o uso de determinada variável. A essas forças podemos chamar de fatores de controle. Dentro desse contexto, as pesquisas em Sociolinguística Variacionista visavam ao estudo da estratificação sociolinguística da variação, ou seja, a investigação busca o encaixamento dos fenômenos linguísticos dentro da estrutura social. Porém, estudos como Weiner e Labov (1977) sobre a passiva sem agente mostraram que nem sempre os fatores extralinguísticos assumem papel relevante no condicionamento de uso de uma variável. A partir desse resultado, Lavandera (1978) questiona sobre o rótulo de “social” endereçado à Sociolinguística e sobre o lugar das variáveis sociais no estudo da

variação linguística. Em resposta a esse questionamento, Labov (1978) diz que os interesses das pesquisas sociolinguísticas se voltam igualmente às restrições internas do sistema e que as análises dos dados se constituem como mecanismos para saber sobre a gramática.

Com base nessa visão, este estudo foca na análise dos fatores linguísticos no condicionamento da alternância dos pronomes sujeitos *nós* e *a gente*. Para entender tal variação e o avanço da forma *a gente* na fala dos fortalezenses na segunda década dos anos 2000, é importante discutirmos a noção de norma, considerando, sobretudo, a diferença entre norma padrão e norma culta. Faraco (2008) explica que ambas são associadas ao conjunto de usos linguísticos atrelados ao grupo letrado da sociedade, porém a primeira se relaciona à ideia de normatividade, enquanto a segunda à ideia de normalidade.

Para o autor, a norma padrão é um modelo de língua relativamente abstrato, em que uma determinada variedade é usada como referência na tentativa de uma política de uniformização linguística. Já a norma culta, objeto deste estudo, diz respeito ao conjunto dos fenômenos linguísticos (variáveis), os quais ocorrem no uso dos falantes de nível superior em situações monitoradas de fala e de escrita.

Trazemos ainda, dentro dessa perspectiva, a conceituação de variantes padrão ou não-padrão; de prestígio ou estigmatizada e conservadoras ou inovadoras. Coelho *et al.* (2018) explica que as variantes padrão condizem com os padrões normativos da língua e as não padrão distanciam-se deles. Geralmente, as primeiras trazem consigo prestígio social, enquanto a segunda é estigmatizada. Ademais, as conservadoras são aquelas que estão há mais tempo no sistema linguístico da comunidade - como é o caso do pronome *nós* - diferente das inovadoras - como é o caso do pronome *a gente* - que são mais recentes na história da língua.

Foi com base nos conceitos supracitados que a metodologia deste estudo foi construída. Desse modo, a próxima seção apresenta o percurso metodológico da pesquisa.

Metodologia

Nossa pesquisa se insere no campo da Sociolinguística Quantitativa, portanto, trata-se de uma pesquisa de descrição linguística com tratamento estatístico de dados. Os dados analisados foram coletados de entrevistas orais que compõem o banco de dados do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza-CE (PORCUFORT) - Fase II (FREITAS; RODRIGUES; SANTOS, 2021). O banco de dados teve sua primeira fase idealizada pelo professor José Lemos Monteiro e atualmente encontra-se sediado na Universidade Estadual do Ceará sob a tutela da professora Aluiza Alves Araújo.

O PORCUFORT conta com inquéritos de três tipos de registro: Diálogo entre Informante e Documentador (DID), Diálogo entre Dois Informantes (D2) e Elocuções Formais (EF). Além

do tipo de registro, a estratificação dos informantes, fortalezenses com nível superior, é feita por sexo (masculino e feminino) e faixa etária (I - 22 a 35 anos; II - 36 a 55 anos; III - 56 anos ou mais). A amostra selecionada em nossa pesquisa conta com 24 inquiridos do PORCUFORT - Fase II da modalidade de registro DID, seguindo a estratificação por sexo e faixa etária, portanto, contamos com quatro informantes por célula social. Para este trabalho, no entanto, analisou-se apenas dados do tipo de registro DID, sendo selecionado três informantes por célula, conforme apresentado no Tabela 1.

Tabela 1: Distribuição dos informantes na amostra analisada

FAIXA ETÁRIA	GÊNERO	
	Masculino	Feminino
I	3	3
II	3	3
III	3	3
Total	9	9
	18	

Fonte: elaborado pelos autores a partir de Araújo, Viana e Pereira (2018).

Em relação às variáveis linguísticas⁴ controladas, analisou-se o tempo e tipo de paradigma do verbo, a referencialidade do pronome (genérica ou específica) e o tipo de verbo.

O tratamento estatístico dos dados foi feito com o *software* RStudio. Com essa ferramenta, procedemos à análise de estatística descritiva, com aplicação de testes de qui-quadrado às distribuições encontradas das variantes em estudo por variável controlada, e à análise de estatística inferencial, com a elaboração de modelos de regressão logística para análise dos dados linguísticos. Após as rodadas estatísticas, os dados foram analisados e, na seção a seguir, discutiremos esses resultados.

Análise dos resultados e discussão

Iniciando pela proporção geral de dados, em nossa amostra obtivemos um total de 1197 dados de *nós e a gente*. A tabela a seguir apresenta a distribuição dos nossos dados:

Tabela 2: Distribuição das variantes na amostra completa (N = 1197)

	Ocorrências	%
Nós	213	17,78
A gente	985	82,22

⁴ Na segunda seção, esses fatores foram apresentados detalhadamente.

Analizamos a alternância entre as duas variantes linguísticas e constatamos uma preferência pela forma *a gente* com um total de 82,22% dos dados, com um total de 985 ocorrências, sendo a forma *nós* preterida, representando 17,78% dos dados e 213 ocorrências. Outros estudos sociolinguísticos já haviam atestado dados acima de 80% da forma *a gente* desde a década de 1980 na fala de pessoas com ensino superior em dados do projeto NURC (ZILLES, 2007), contudo Fortaleza-CE em dados dos anos 90 tinha uma predominância de “apenas” 62,01% da forma *a gente* (CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020). Com isso, observamos um grande avanço da forma inovadora na fala de Fortaleza, tendo uma predominância massiva dos dados de primeira pessoa do plural.

A partir desse conjunto de dados, operamos um recorte, buscando sanar as células vazias observadas na distribuição de dados pela variável tempo e tipo de paradigma verbal. Dessa forma, foram selecionadas as ocorrências que envolviam apenas os tempos do modo indicativo. Esse recorte resultou na exclusão de 80 ocorrências para as rodadas que apresentamos a seguir. Portanto, a partir de agora, utilizaremos uma subamostra de 1117 ocorrências.

A tabela a seguir demonstra a distribuição das variantes em análise por tempo e tipo de paradigma verbal:

Tabela 3: Distribuição das variáveis pelo tempo verbal no modo indicativo (N = 1117)

Tempo verbal	Nós		A gente	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Presente igual	11	5,24	199	94,76
Presente diferente	61	20,61	235	79,39
Pretérito igual	63	37,72	104	62,28
Imperfeito	31	9,90	282	90,10
Pretérito diferente	42	32,06	89	67,92
$X^2 = 46.457 (4), p < 0.001$				

A variável tempo e tipo de paradigma do verbo, como já dito, é uma das variáveis linguísticas mais importantes para descrição da variação *nós* e *a gente* devido ao seu alto poder explicativo. Nosso teste de qui-quadrado demonstrou um valor de 46,457 com quatro graus de liberdade, ou seja, devido a variável possuir cinco níveis, existem sempre 4 outras possibilidades de tempo verbal a cada variante. Em um teste de qui-quadrado, os valores da distribuição encontrada são comparados aos valores da distribuição esperada entre as variantes. Assim, quanto mais distante de zero, maior a probabilidade de a distribuição de

dados encontrada ser resultado da atuação de algum fator da variável. Em nosso caso, o valor de qui-quadrado encontrado é distante de zero e o valor $p < 0,001$ reforça a percepção de que o teste aponta para a influência dessa variável sobre a variação *nós e a gente*. Dessa forma, temos indícios de que essa variável será selecionada na regressão logística.

Vemos que, em termos de proporção e frequência, a forma *a gente* é predominante em todos os tempos verbais, um fator positivo no processo de mudança linguística, devido a possibilidade de uso em todos os níveis da variável. Percebemos uma maior proporção de *a gente* no pretérito imperfeito e no tempo presente, fatores tradicionalmente selecionados como favorecedores a forma inovadora (NARO; GÖRSKI; FERNANDES, 1999; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018a, 2018b). Entretanto, aqui tratamos apenas em termos descritivos de estatística básica e proximamente nesse texto discutiremos esses dados a partir da estatística inferencial dos modelos de regressão logística para aprofundamento da análise.

A próxima variável controlada em nossa pesquisa foi a referência do pronome. A tabela a seguir indica a distribuição encontrada:

Tabela 4: Distribuição das variáveis por referência (N = 1117)

Referência	Nós		A gente	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Genérica	42	9,29	410	90,71
Específica	166	24,96	499	75,06

$X^2 = 7.5819 (1), p = 0.005896$

Pelas proporções encontradas, nossos dados indicam um favorecimento da forma inovadora em contextos de referência genérica (90,71%) enquanto a forma tradicional é favorecida pela referência específica (24,96%). Os dados atestam uma predominância da forma *a gente* tanto na referência mais genérica quanto a mais específica, ainda assim podemos perceber uma maior predominância da forma *a gente* como mais genérica e uma presença mais marcante do pronome *nós* como forma específica, ou seja, demonstra que o matiz semântico influencia o uso de uma variante em detrimento de outra. O teste de qui-quadrado aplicado a essa distribuição resultou em um valor de 7,5819, com um grau de liberdade, e um p-valor $< 0,05$. Esses resultados indicam que essa variável pode ser selecionada em uma regressão logística.

A terceira variável linguística controlada em nossa pesquisa foi o tipo de verbo. A tabela a seguir indica a distribuição das variantes para essa variável:

Tabela 5: Distribuição das variáveis por tipo de verbo (N = 1117)

Tipo de verbo	Nós		A gente	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
Dicendi	2	6.25	30	93.75
Ter	35	20.35	137	79.65
Ação	128	17.20	616	82.80
Epistêmico	7	13.73	44	86.27
Estado	36	30.51	82	69.49

$X^2 = 21.933 (4), p < 0.001$

De acordo com a distribuição encontrada, a variante *a gente* seria favorecida por verbos dicendi (93,75%), epistêmicos (86,27%) e de ação (82,8%). Já a forma *nós* seria favorecida pelos verbos de estado (30,51%), pelo verbo ter (20,35%) e por verbos de ação (17,2%). É interessante observar que a ordenação dos fatores para cada variante é inversa, ou seja, poderíamos traçar um *continuum* entre os tipos de verbos. Para a forma *a gente*, observamos a seguinte sequência de favorecimento pelo tipo de verbo: Dicendi > Epistêmico > Ação > Ter > Estado. Para a forma *nós*, a sequência é a seguinte: Estado > Ter > Ação > Epistêmico > Dicendi.

O teste de qui-quadrado dessa variável apresenta um valor de 21,933, com quatro graus de liberdade e p-valor < 0,01. Portanto, há indícios de que essa variável exerça influência sobre o fenômeno variável em estudo.

A partir desses dados, partimos para a elaboração de um modelo de regressão logística para explicitar os mecanismos que atuam na variação entre os pronomes *nós* e *a gente*. A tabela a seguir indica o resultado obtido com o teste do modelo que incluiu as três variáveis: (1) referência, (2) tempo verbal e tipo de paradigma e (3) tipo de verbo. Os valores desse modelo se referem às probabilidades de uso da forma inovadora *a gente*. Vejamos a tabela:

Tabela 6: Resultados do modelo de regressão logística (N = 1117)

Coeficientes	Estimate	Std. Error	z value	Pr(> z)	
(Intercept)	3.71898	0.88607	4.197	4.197	
Referência					
Específica	-0.95380	0.25486	-3.742	0.000182	***
Tempo verbal					
Presente dif.	-1.27102	0.37873	-3.356	0.000791	***
Pretérito igual	-1.72369	0.37727	-4.569	4.90e-06	***
Imperfeito	0.20587	0.39699	0.519	0.604051	
Pretérito dif.	-1.39641	0.39255	-3.557	0.000375	***
Tipo de verbo					
Ter	-1.23886	0.82341	-1.505	0.132442	
Ação	-0.42252	0.79315	-0.533	0.594239	
Epistêmico	-0.83888	0.90888	-0.923	0.356017	
Estado	1.51077	0.82031	1.842	0.065516	
Signif. codes: 0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1					
glm = VD ~ referencia + tempoverbal + tipodeverbo					

Inicialmente, é necessário compreender de que tratam o *intercept* e a estimativa. O valor de *intercept* se refere à probabilidade de emprego da variante *a gente* no primeiro nível das variáveis linguísticas controladas. Assim, a estimativa de *intercept* corresponde ao uso de *a gente* com (1) referência genérica, (2) no presente do indicativo com verbo de paradigma igual e (3) do tipo dicendi.

Para averiguar a atuação de cada um dos outros fatores das variáveis, é preciso somar o valor das estimativas correspondentes. Por exemplo, para ver a atuação do fator específico da variável referência, somamos a estimativa de *intercept* (3,71898) à estimativa do fator específico (-0,95380). O resultado dessa soma (2,76518) indica que a probabilidade de emprego da forma *a gente* com referência específica, mantidos os outros fatores, é menor do que a probabilidade indicada inicialmente, com referência genérica. Em outras palavras, o modelo indica que a referência específica desfavorece o uso da forma *a gente*.

A coluna das estimativas, como é possível inferir da explanação sobre o *intercept*, é uma medida estatística da probabilidade em *logodds* do emprego da variante focalizada na análise de

regressão logística. O sinal positivo ou negativo que acompanha o valor de estimativa de cada fator pode ser tomado como indicativo de que aquele fator atua favorecendo ou não o emprego da variante.

A coluna do desvio padrão e do valor-z são medidas estatísticas que indicam a variabilidade dos dados. Essas medidas não são consideradas em nosso estudo. A última coluna, no entanto, apresenta o p-valor associado a cada fator de cada variável seguido de asteriscos que situam esses valores numa escala de 0 a 1. Quanto mais próximo de zero, maiores são os indícios de atuação do fator na variação.

Feitas essas considerações, vamos às conclusões que podemos retirar desse modelo. Das três variáveis consideradas no modelo, apenas a variável tipo de verbo não foi selecionada como estatisticamente relevante. Embora o teste de qui-quadrado tenha apontado indícios de que essa variável poderia atuar na variação entre os pronomes *nós* e *a gente*, o modelo de regressão logística testa a atuação das variáveis conjuntamente. Dessa forma, o tipo de verbo não se mostrou uma variável forte para esse fenômeno.

Sobre a atuação da variável referência, como já destacado, foi observada uma tendência de emprego da variante inovadora em contexto de referência genérica. Acreditamos que o principal motivo seja o traço genérico e menos determinado originário de sua forma nominal anterior ao processo de gramaticalização que se manteve como matiz semântico (LOPES, 2007), ainda que o traço mais específico também haja sido assimilado pela variante *a gente* esse condicionamento linguístico pode ser explicado pela história da variante. Outro fator que acreditamos que pode ser imbricado é, como comentado, a referência original de terceira pessoa do singular, acreditamos que existe a possibilidade de que a forma *nós* esteja se especializando como designadora de especificidade, considerando a reorganização do paradigma pronominal do português (FARACO, 2017) e a simplificação de desinências verbais, sendo a desinência zero, original da terceira pessoa do singular (*ele vai*), ampliando-se para também segunda pessoa do singular (*você vai*) e primeira pessoa do plural (*a gente vai*), dessa maneira, utilizar da forma de primeira pessoa do plural *nós* com *-mos* pode ser um artifício para enfatizar e especificar a referência do pronome.

Sobre a variável tempo e tipo de paradigma verbal, o único fator não selecionado foi o pretérito imperfeito. O tempo pretérito imperfeito tem sido selecionado como favorecedor da forma *a gente* sem *-mos* em diversas pesquisas (LOPES, 1998, 2007; SCHERRE; YACOVENCO; NARO, 2018a, 2018b; CARVALHO; FREITAS; FAVACHO, 2020, para citar apenas alguns estudos). Apesar do modelo de regressão não haver selecionado este nível da variável, devemos considerar que o total de 282 ocorrências de *a gente* com pretérito perfeito, totalizando 90,10% de preferência dos dados. Portanto, não podemos ignorar que esse é um fator tradicionalmente favorecedor de *a gente*, em uma possível esquia as proparoxítonas tradicionais da desinência canônica de primeira pessoa do plural (*estávamos/comíamos*), e

percebemos esse favorecimento no nosso *corpus* com uma alta preferência ao uso de *a gente*, ainda que não tenha sido selecionado pelo modelo.

Os outros fatores apresentam a seguinte ordenação: presente igual > presente diferente > pretérito diferente > pretérito igual. A hipótese plantada em Naro, Görski, Fernandes (1999) é de que a desinência *-mos*, associada ao uso de *nós* devido aos altos índices de concordância verbal normalmente apresentados nas amostras do Português Brasileiro, seria um recurso para enfatizar o pretérito, e a forma *a gente* sem *-mos* seria utilizada para marcar o presente. Ainda que essas sejam desinências de pessoa verbal, não semântico-temporais, o uso de uma forma em detrimento de outra parece ter se especializado para evitar a ambiguidade do sistema desinencial. Com isso, observamos em nossos dados o contexto quase categórico de *a gente* com forma igual ao pretérito perfeito (94,76%), e o maior desfavorecimento da forma *a gente* para o pretérito perfeito igual ao presente na regressão logística ($p= 4.90e-06$ ***). Devemos ter em conta que o presente, mesmo sendo historicamente favorecido pelo *a gente*, quando diferente do presente, ainda que proporcionalmente tenha sido de maior ocorrência da forma inovadora (79,39%), o modelo de regressão logística apresentou uma estimativa negativa para o uso dessa forma (estimate = -1.27102), o que significa desfavorecimento. Esse resultado pode levar ao raciocínio que, em nossos dados, o maior condicionador de uma forma em detrimento de outra foi a ambiguidade temporal presente/pretérito perfeito.

Por fim, cabe ainda destacar o índice de Concordância C do modelo de regressão elaborado. Essa medida estatística diz respeito ao poder explicativo do modelo. O índice C de nosso modelo é 0,821, valor considerado por Levshina (2015) como indicativo de notório poder explicativo do modelo.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o efeito de fatores linguísticos sob a alternância do uso das variantes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* na fala de falantes de Fortaleza com ensino superior na segunda década dos anos 2000, a partir de dados do projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT) em sua fase II. Consideramos os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria de Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) para investigar a possibilidade de mudança em curso, compreender o encaixamento das variantes no sistema linguísticos e possíveis condicionadores ao uso de uma forma em detrimento de outra.

As variáveis estudadas aqui foram: tempo e tipo de paradigma do verbo no modo indicativo, referência do verbo (genérica ou específica) e tipo de verbo. Para o tempo e tipo de paradigma do verbo, o modelo de regressão logística indicou a predominância da forma *a gente* no presente de forma idêntica a pretérito perfeito na desinência de primeira pessoa do plural (comemos *ontem*/ comemos *hoje*). A variante também foi mais desfavorecida no pretérito

perfeito de forma idêntica ao presente, o que indica o favorecimento da forma conservadora *nós* nesse contexto linguístico. Tal resultado está em consonância ao estudo de Naro, Görski, Fernandes (1999) de que o uso das variantes poderia ser especializado para ajudar a desfazer a potencial ambiguidade semântico-temporal intrínseca ao paradigma verbal da desinência de primeira pessoa do plural.

Para referência do verbo, considerarmos dois níveis, a referência genérica, traço semântico [+ indeterminado] e a específica, traço semântico [+ determinado]. As frequências e proporções, em termos de estatística descritiva, apontam uma predominância de *a gente* em ambos os contextos, contudo o modelo de regressão logística aponta que a forma inovadora é desfavorecida pela referência específica, fato possivelmente relacionado a sua origem nominal e processo de gramaticalização, em que seria mantido um matiz semântico de indeterminação da forma original (LOPES, 2007). A forma *nós* poderia estar especializando-se para demarcar a referência mais específica, aproveitando-se também da desinência verbal de primeira pessoa do plural, perdida no caso da forma *a gente*, que concorda com a desinência zero, originalmente de terceira pessoa do singular. Ou seja, utilizar a forma *nós* com concordância poderia ser um recurso para enfatizar a determinação do sujeito.

O tipo de verbo obteve, como no tópico anterior, maior predominância da variante *a gente* em todos os níveis (estado-epistêmico-*dicendi-ter-ação*) não se demonstrou relevante no modelo de regressão logística, ainda que tenha sido observado um desfavorecimento mais notório da forma *a gente* em verbos de estado.

Acreditamos que existe um processo de mudança em curso em direção a forma inovadora *a gente* devido a sua alta implementação no sistema linguístico, com 82,22% dos dados, e uma predominância, em termos de frequência, em todos os níveis das variáveis linguísticas analisadas, sendo os condicionadores positivos ou negativos ao seu uso apontados nos modelos de regressão logística. Com isso, observamos o avanço da forma e seu uso autorizado e predominante em todos os contextos analisados e um cenário que a forma conservadora parece resistir apenas em contextos especializados de marcação de pretérito perfeito e referência específica.

Referências

ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. O projeto descrição do português oral culto de Fortaleza - PORCUFORT: das origens aos dias atuais. *Web-Revista SOCIODIALETO* - NUPESDD/LALIMU, v. 8, n. 24, mar. 2018. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/39/91>. Acesso em: 03 maio 2021.

ARAÚJO, Marden Alyson Matos de. Nós e a gente no falar dos fortalezenses. In: ARAÚJO, Aluiza Alves de; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. (org.). *Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza – CE*. Fortaleza: EdUECE, 2018. p. 143-172.

CARVALHO, Hebe Macedo de; FREITAS, Maylle Lima; FAVACHO, Larissa de Lima. A variação dos pronomes sujeitos nós e a gente: a fala culta de Fortaleza em cena. *Revista (Con) textos linguísticos*, v. 14, n. 27, Espírito Santo, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/29213>. Acesso em: 25 mar. 2022.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, vol.3, n. 2. Rio de Janeiro, p. 114-132, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/17150>. Acesso em: 10 nov. 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no português brasileiro. *DELTA*, v. 32, n. 4, p. 889-917, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/29225/22229>. Acesso em: 21 set. 2021.

FREITAS, Maylle Lima; CARVALHO, Hebe Macedo de. Quem somos “nós” e quem é “a gente”? Uma abordagem de avaliação linguística e social da variável de primeira pessoa plural. In: VIANA ; RAKEL Beserra de Macêdo; RODRIGUES, Lorena da Silva; PONTES, Valdecy de Oliveira; CARVALHO, Hebe Macedo de (org.). *Estudos em sociolinguística variacionista e sociofuncionalismo*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020, p. 124-142. DOI: 10.31560/pimentacultural/2020.985.124-142.

FREITAS, Maylle Lima; FAVACHO, Larissa de Lima; CARVALHO, Hebe Macedo de. Avaliação e percepção das formas *nós* e *a gente* e dos padrões de concordância por falantes escolarizados de Fortaleza -Ceará. *Miguilim–Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 1, p. 40-57, jan.-abr. 2022.

FREITAS, Maylle Lima; RODRIGUES, Lorena da Silva; SANTOS, Hugo Leonardo Gomes dos. *Nós e a gente* no falar culto de Fortaleza: variação ou mudança linguística?. In: ARAÚJO, Aluiza Alves de; RODRIGUES, Lorena da Silva; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo. *O falar culto de Fortaleza em foco*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 139-171. DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.834.139-171.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: *Sociolinguistics working paper*. Austin: Southeast Educational Development Laboratory, n. 44, 1978.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 24, número 1, p. 161 - 179, 2022.

LAVANDERA, Beatriz. Where does the linguistic variable stop? *Language society*. 7. London, 1978.

LEVSHINA, Natalia. *How to do linguistics with R: data exploration and statistical analysis*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2015.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA*, v. 14, n. 2, p. 1-12, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/44300>. Acesso em: 22 set. 2021.

LOPES, Célia Regina dos Santos. A gramaticalização de *A gente* em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na manutenção dos traços intrínsecos. *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 47-80, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/7728>. Acesso em: 10 nov. 2021.

LUCCHESI, Dante. A representação da primeira pessoa do plural. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Ed. da UFBA, 2009. p. 457-468.

MAIA, Francisca Paula Soares. A variação Nós/ A gente no dialeto mineiro: investigando a transição. *Revista da ABRALIN*, v. 8, n. 2, p. 45-70, 2009. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1032>. Acesso em: 11 nov. 2021.

NARO, Anthony; GÖRSKI, Edair; FERNANDES, Eulália. Change without change. *Language Variation and Change*, v. 11, p. 197-211, 1999.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do plural. In: SILVA, Giselle Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 183-216.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 63-80.

OUSHIRO, Livia. Tratamento de Dados com o R para Análises Sociolinguísticas. In: FREITAG, Raquel Meister ko (org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2014. p. 129-172.

R CORE TEAM. *The R Project for Statistical Computing*. Página Web. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SILVA, Francisca Jocineide de Alencar. *A variação nós e a gente na fala de Fortaleza*. 2020. 91f. Dissertação (mestrado em linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; NARO, Anthony Julius. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. *Estudos de Lingüística Galega*, v. especial I, ed. F. Cidrás, F. Dubert and X. L. Regueira, p. 13-27, 2018a. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change/article/abs/socio-linguistic-correlates-of-negative-evaluation-variable-concord-in-rio-de-janeiro/B209D52E57FC42496C947A105A6A3B55>. Acesso em: 22 fev. 2021.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho; NARO, Anthony Julius. Nós e a gente em quatro amostras do português brasileiro: revisitando a escala da saliência fônica. *Diadorim*, v. 20 – Especial, p. 428-457, 2018b. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/3585>. Acesso em: 22 set. 2021.

VIANNA, Juliana Segadas; LOPES, Célia Regina dos Santos. Variação dos pronomes nós e a gente. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 109-131.

WEINER, E. Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics*, n.º. 19, 1977.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

ZILLES, Ana Maria. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de “a gente”. *Letras de Hoje*, v. 42, n. 2, Porto Alegre, p. 27-44, 2007. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/9133/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20DE%20MESTRADO%20MATHEUS.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 set. 2021.